

PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONHECÊ-LA PARA MELHOR ATUAR EM SALA DE AULA

Leandra Ines Seganfredo Santos¹
Simone de Sousa Naedzold²

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

O livro “*Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*”, de Marcos Bagno, consiste em uma das obras que compõem a série Educação Linguística, publicada em 2007, pela Parábola Editorial. Outros livros do autor como *Preconceito Linguístico: o que é como se faz* (2000); *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social* (2001); *A língua de Eulália* (2001); *Linguística da norma* (2002) publicados por outras editoras também versam sobre a temática da Variação Linguística com diferentes olhares.

Marcos Bagno é professor de Linguística da Universidade de Brasília, UnB. Escritor, poeta e tradutor e vem se dedicando à pesquisa e a ação no campo da educação linguística, com interesse particular no impacto da sociolinguística sobre o ensino.

O livro está dividido em duas partes: a primeira com oito capítulos dedicados aos aspectos da variação linguística; a segunda, dividida em três partes, orienta a realizar projetos de pesquisa nos caminhos do ensino “reflexivo-crítico-investigativo” (p. 195) e a obra em questão tem por objetivo explicitar características da variação linguística, destituir a ideia de erro na fala e na escrita e mostrar teoricamente que o modo de falar de cada brasileiro tem um caminho histórico percorrido, desde o latim,

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (Linguística Aplicada) na UNESP (Rio Preto) e Pós-doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUCSP). Professora concursada na Universidade do Estado de Mato Grosso. Atua na Graduação e nos programas de pós-graduação stricto sensu em Linguística e PROFLETRAS. E-mail: leandraines@unemat.br

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Línguas Portuguesa e Espanhola (UFSC). Especialista em Didática do Ensino Superior (UNIC/Sinop). Professora da rede estadual de Mato Grosso/Escola Estadual Enio Pipino, Sinop/MT. Mestranda do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS, Unidade UNEMAT/Sinop. E-mail: snaedzold60@gmail.com.

passando por mudanças conforme a linguística histórica: síncope, vocalização, metátese, palatização e chegando até os traços descontínuos e graduais.

Irané Antunes (2002, p. 130) afirma que “Ninguém cria [...] suas próprias regras linguísticas. A língua é um fato social, um saber coletivo, que existe em função da interação do indivíduo com os seus pares”.

Esta afirmação de Antunes é retomada várias vezes por Marcos Bagno, e este é um fator muito importante, pois marca uma postura com relação à variação linguística e nos leva a refletir sobre os diversos escritores que afirmam que muita gente no Brasil fala errado.

No discorrer da composição deste livro, o autor de forma progressiva, coerente e esclarecedora nos avisa que o mesmo é dedicado a pessoas que queiram saber um pouco sobre as questões das variações linguísticas, e que nele “não se encontrará [...] teoria sociolinguística completa e detalhada” (p. 30), - mas se quisermos aprofundar nossos conhecimentos sobre a temática, podemos buscar nas indicações de leitura listada no final do livro -, e alerta sobre as características fundamentais e os estudos que estão sendo realizados na área. Além disso, mostra as falácias com relação ao modo de falar de cada cidadão brasileiro e afirma que “Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, [...] temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas” (p. 159).

Muitos assuntos e exemplos mencionados e discutidos já se encontram em outras obras do autor e de outros autores. Mas tê-las reunidas aqui é interessante porque temos uma perspectiva de *continuum* e em cada capítulo um maior aprofundamento da temática relacionando-a com os capítulos anteriores e posteriores. Neste processo de construção de sentidos sobre a Variação Linguística, destacamos o capítulo terceiro como basilar para compreender o compêndio da obra.

No capítulo primeiro: *por que tratar da variação linguística?* o autor esclarece que, ao longo dos anos, houve uma mudança no modo de pensar e agir de muitos estudiosos e que esta temática está presente nas ações nossas como professores. As mudanças ocorridas no perfil do estudante e do professor nos últimos 50 anos, após legitimação de acesso de todos à escolarização, mostram que as questões da variação linguística e de suas relações com o ensino na escola e com a vida social mais ampla devem ser discutidas em sala de aula e fora dela e que a formação dos professores,

mesmo com a negligência das agências formadoras, precisa discutir o assunto de forma clara e coerente. Magda Soares (2001, p. 06), estudiosa da educação no Brasil, explicita que “vem ocorrendo uma progressiva democratização *do acesso à escola*”, mas, “não tem igualmente ocorrido a democratização *da escola*”. Nota-se que o perfil dos profissionais que os atendiam/atendem passou também por transformação. As variantes linguísticas faladas por eles também se fizeram presentes no âmbito escolar e o que era para ser bom, passou a ser criticado, principalmente, porque as escolas estavam/estão “a serviço das classes privilegiadas” (SOARES, 2001, p. 06).

Na sequência de seu trabalho, o pesquisador discorre, no capítulo segundo, intitulado: *mas o que é mesmo variação linguística? sobre os elementos que determinam se a variação pode ser de ordem linguística ou extralinguística ou ainda uma combinação das duas*. Faz uma descrição das variedades sociolinguísticas e conceitua os termos: diatópica, diastrática, doméstica, diafásica e diacrônica. Em seguida explicita as variedades linguísticas esclarecendo que as mesmas se classificam em: dialeto, socioleto, cronoletto e idioletto e conceitua cada uma delas. Uma variedade linguística é o modo de falar característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica, já uma variante linguística é a maneira diferente de dizer a mesma coisa. Salienta que “Toda língua humana é heterogênea por sua própria natureza. A heterogeneidade linguística está vinculada a heterogeneidade social” (p. 57).

No terceiro capítulo ao qual intitula: *por uma reeducação sociolinguística: variação linguística e suas consequências sociais*, este grande pesquisador esclarece que quando na antiguidade surgiu a noção de erro, com ela veio o preconceito em desfavor das camadas sociais que falam de modo diferente. Neste sentido, a reeducação sociolinguística é primordial para se iniciar a mudança de foco, do erro para as variações e do preconceito para o respeito às diversidades e enfatiza que “o conceito de variação linguística é a espinha dorsal da Sociolinguística” (p. 39). Dante Lucchesi (2002, p. 66) dissertando sobre o assunto, informa que “a sociolinguística tem por objetivo de estudo os padrões de comportamento linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala [...] constituído por unidades e regras variáveis”. Já Alkmim (2003,

p. 28), citando Bright³, esclarece que “o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística”. Nesta mesma linha, Bagno observa que gramática tradicional está fora do eixo de análise, porque para que haja variação linguística é preciso que pessoas falem, e no caso a norma-padrão não foi nem é falada integralmente por ninguém. Portanto, não é possível falar de comportamento linguístico ou diversidade linguística levando em conta a norma-padrão. Nas falas de Marcos Bagno: “[...] quero deixar claro que a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua” (p. 106). E elabora uma distinção entre norma-padrão e norma culta. “[...] norma-padrão, modelo de língua que é “definido” e “estabelecido” e que, portanto, não representa um uso efetivo e real” (p. 107) e “A norma culta é o conjunto de variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de maior renda econômica” (p. 117). O autor finaliza anunciando a proposta de “reeducação sociolinguística” (p. 82) que justifica o subtítulo do livro “por uma pedagogia da variação linguística” (capa) e leva a uma análise de toda a educação no país e de como estudantes e professores precisam levar em conta ambientes educadores dentro e fora das escolas. E que esta “educação nova” (p. 83) possa reorganizar os diversos saberes partindo sempre do que sabemos: falar.

No capítulo quarto: *a construção histórica de um abismo* - norma-padrão: um instrumento político, um produto cultural, Bagno relata que a norma-padrão tem sido usada como meio de “dominação e de exclusão” (p. 98). As denominações negativas que são usadas ao longo do tempo para ofender, humilhar as pessoas com diferentes variantes linguísticas mostram que ainda hoje o preconceito linguístico é muito forte. A imposição do poder linguístico nos mantém numa esfera sempre de defesa e não de respeito. A pesquisadora Tânia Maria Alkmim (2003, p. 41) pondera que “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza [...] É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário”. Mas esta realidade da pesquisa, da sociolinguística ainda não tem espaço nos atos de muitas pessoas que pertencem à classe social dominante. Ainda existe uma forte ligação umbilical de hierarquia entre os conquistadores europeus e os conquistados. O que se pretende, entretanto, é mostrar que é possível falarmos variantes linguísticas distintas e ainda assim ocorrer entendimento, respeito e reconhecimento. O autor explica que se não há uma norma-padrão tendo em

³ Ver BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. & NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

vista que “a norma-padrão não faz parte da língua” (p. 98) então os termos dialeto, variedade e língua padrão não devem ser usados.

No capítulo quinto: *o português são três*: a realidade sociolinguística do português brasileiro, o autor traz a citação de Rosa Virginia Mattos (2004) em que esta afirma que o português são dois. Mas, analisando o que a linguista fala “No caso brasileiro, sociolinguistas e professores de português tem adotado a interpretação tripartida da realidade linguística brasileira: norma-padrão, norma(s) culta(s) e norma(s) vernácula(s)” (p. 118), Bagno afirma que “em diversos momentos da obra, [a autora] nos alerta para o fato de que o português [brasileiro] são três” (p. 103). Neste contexto, o autor introduz na discussão os conceitos de variedades prestigiadas e estigmatizadas propondo “substituir [...] “norma culta” por variedades prestigiadas e [...] “norma popular⁴” ou “vernácula” [...] por “variedades estigmatizadas”” (p. 105). O autor enumera vários exemplos colhidos nos meios sociais relacionados a esta “realidade sociolinguística tripartida” (p. 117) e ainda salienta que existem algumas variações linguísticas que são bem aceitas pela sociedade e outras não, mas todas são variações, o que por si só, já deveria eliminar a discriminação.

No capítulo sexto: *a variação linguística nos livros didáticos*, após análise nos livros didáticos distribuídos através do Programa Nacional do Livro Didático, o autor nos informa que “[...] o Ministério da Educação avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino de diferentes disciplinas que compõe o currículo do Ensino Fundamental” (p. 119) e fala sobre as variações linguísticas contidas ou não nos livros didáticos. De modo geral, é mostrado nesta obra que muitos autores de livros didáticos até tentam trabalhar com a variação linguística e têm intenções em combater o preconceito linguístico. “Mas a falta de uma base teórica consistente, [...] a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos da variação e mudança” (p. 119). Os exemplos usados com os quadrinhos de Chico Bento de Mauricio de Sousa, as letras de cordéis de Patativa do Assaré e de músicas de Adoniram Barbosa de modo a mostrar uma fala caipira que muitas pessoas falam e não só eles, Bagno nos mostra que “o problema está no uso inadequado que se faz dos trabalhos criativos dessas pessoas” (p. 120). Entre as

⁴ Termo usado por Lucchesi In: LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

páginas 126 e 140, o autor explicita um roteiro para analisar os novos livros didáticos, numa numeração de 1 a 10 com as seguintes indicações: 1) O livro didático trata da variação linguística? 2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil? 3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais? 4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)? 5) O livro didático separa norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua? 6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais? 7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados a variação linguística e o tratamento que se dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”? 8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita homogênea e a fala como lugar de erro? 9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como? 10) O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão? Cada um desses olhares sobre a temática da variação é tratada individualmente pelo autor, com exemplos práticos e referência para estudos e aprofundamento sobre o tema. E avisa que “Tudo isso deve ser analisado e devidamente criticado, para que o trabalho na escola não reproduza os mesmos estereótipos e as mesmas discriminações que vigoram na sociedade em geral” (p. 129).

Neste capítulo sétimo: *certo ou errado? Tanto faz!* O vernáculo brasileiro em grande síntese, o autor busca conceituar traços graduais e traços descontínuos presentes nas falas dos brasileiros indicando que os primeiros são “aqueles que aparecem na fala de todos os brasileiros, independentemente de sua origem social, regional, etc” (p. 142) e os segundos são “[...] aqueles que aparecem principalmente nas falas dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc” (p. 142). E neste caso as pessoas que apresentam traços descontínuos são as que estão na linha de frente do preconceito e da discriminação. Assim como em quase todos os capítulos, Bagno nos mostra exemplos claros de traços graduais e descontínuos recolhidos na mídia em geral e afirma que “A língua muda, e não há o que se possa fazer para impedir isso” (p. 157). E este processo de preconceito e discriminação que passam muitas pessoas a cada dia em virtude de sua maneira de falar “[...] não pode

servir para a exclusão social” (p. 160) e nós como professores, como conhecedores a respeito da “Pedagogia da variação linguística” precisamos discutir sim a maneira de falar de cada estudante, não para discriminar, mas para mostrar que o português são três: a “norma-padrão” que não existe de fato porque ninguém fala e as “variedades prestigiadas” e “estigmatizadas” (p. 133). E que cada variedade deve ser respeitada e analisada em seus traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

O título desde oitavo capítulo “como uma onda”⁵: para entender a mudança linguística, que remete a letra da música de Lulu Santos é um indicativo do que o autor vai falar: que a língua muda sempre, ou melhor “Não é a língua que muda com o tempo: são os falantes que, em sociedade, mudam a língua” (p. 189). Bagno faz uma pequena contextualização histórica sobre as diferenças que existem entre a língua portuguesa de hoje e a que se falava em 1500 e mostra exemplo de diferentes épocas e cada um com suas características. As gramáticas, segundo o autor, por demorarem demais para incorporar as mudanças, dão “a impressão de que a língua está pronta e acabada” (p. 165), o que não é verdade, pois enquanto houver falante, vai haver mudança. O título da obra é retomado: nada na língua é por acaso, pois “Tudo [...] tem uma razão de ser” (p. 168) e nos mostra de modo claro e preciso que quem implementa as mudanças na língua são os “mais jovens” (p. 175) e que quando “as formas inovadoras já estão plenamente incorporadas à língua [...]. A mudança se completou e não há como voltar atrás” (p. 189).

Na segunda parte: *com a mão na massa*, Bagno propõe a organização de projetos na escola e orienta os professores em como fazê-los dentro das concepções de Variação Linguística. Propõe três pontos que nortearão sua narrativa: o que fazer com o ensino de gramática? Como tratar da variação linguística em sala de aula? E como abordar as relações entre língua falada e língua escrita? Ele denuncia que nos moldes da Gramática Normativa as práticas de leitura e escrita ficavam em segundo plano. E isso durante décadas provocou um aprendizado muito inferior ao que o estudante deveria aprender no Ensino Fundamental. E ainda a rejeição destes às aulas de Língua Portuguesa. Mas afirma que com as pesquisas em ciência linguística este modelo começa a ser criticado, pois na organização social de hoje, é muito relevante que os estudantes tenham o

⁵ Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/lulu-santos/como-uma-onda-no-mar.html>. Acesso em: 04 de abr. 2016.

domínio da leitura e da escrita para que possam se inserir na cultura letrada, isso que se entende como conceito de letramento.

O termo letramento nos últimos anos sofreu algumas modificações em função de pesquisas e análises de muitos educadores. Roxane Rojo (2009, p. 98) afirma que “[...] o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados”. Outra pesquisadora da nossa situação educacional, Magda Soares (2014, p. 39), é mais específica e mostra que, para ela, letramento é o “[...] resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. Além disso, nas instituições escolares que são, segundo Kleiman (2007, p. 4) “[...] agência de letramento, por excelência de nossa sociedade” é preciso que diretores, coordenadores, professores e demais profissionais entendam que nela “devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas”. Nesta mesma linha de raciocínio Bortone e Bortoni-Ricardo (2008, p. 272) explicitam que “A chamada cultura de letramento se constitui de práticas sociais que envolvem escrita ou leitura” e, não por acaso, são nestas duas ações que as variações linguísticas se mostram e se constituem como tal.

É importante, todavia, que o estudante, expostos às práticas de letramento, saiba refletir sobre a língua uma vez que esta faz parte de nossa tradição cultural e este tipo de conhecimento pode ser construído através de pesquisas sobre o tema levando o estudante ao aprendizado de língua reflexivo-crítico-investigativo. Espera-se, com isso, que os estudantes reflitam sobre os fenômenos da variação e mudanças linguísticas. Com as pesquisas é possível começar a ver a variação linguística como um elemento constitutivo das línguas humanas que mudam ao longo do tempo.

Bagno elenca alguns motivos que justificam a pesquisa e diz que os temas devem ser de relevância para os que estão envolvidos. As dificuldades em usar determinadas formas linguísticas pode ser um tema relevante.

A língua de um povo é parte de sua identidade coletiva e não podemos criar uma imagem de nós mesmos enquanto continuarmos a achar que falamos uma língua feia e cheia de erros e o português não é difícil como muitos afirmam. O que acontece é que muitas das regras que ainda figuram na norma-padrão já desapareceram da língua corrente, espontânea, diária dos brasileiros, tendo sido substituídas por outras,

inovadoras. Isso mostra que a língua é variável e apresenta ainda diversas maneiras de se dizer a mesma coisa.

Um exemplo é a do pronome cujo que a maioria dos autores de textos das mais diferentes áreas nunca usou e é uma regra sintática que está desaparecendo do vernáculo de todos os brasileiros. Por isso, em pesquisas que podem ser desenvolvidas por professores, deve haver a busca pela interpretação científica do fenômeno em estudo, apoiadas em teorias linguísticas consistentes.

Outro exemplo de projetos é o tratamento de variedades estigmatizadas que levam a discriminação, desrespeito, humilhação e exclusão por meio da linguagem. Avisa ainda que uma das principais tarefas da reeducação sociolinguística é elevar a autoestima linguística das pessoas e mostrar que nada na língua é por acaso e que todas as maneiras de falar são lógicas, corretas e bonitas. Orienta a buscar dados sobre a variação linguística no Museu da Língua Portuguesa na Internet.

Para aprofundar as orientações sobre a pesquisa em relação às variedades estigmatizadas, Bagno remete ao capítulo 07 no qual apresenta os traços descontínuos: rotacismo (fruta, frecha, pranta, pubrica, fror, ingres, prastico); deslateralização da consoante /ʎ/ (teia, trabaio); e a concordância que se faz nas variações linguística por meio de uma marca morfológica indicada no primeiro elemento da frase (essas menina bonita) e os traços graduais (tem, a gente, num, passa, soltano, tava, dinhêro) e apresenta a descrição dos exemplos. No fim do livro, o autor nos apresenta 12 itens para que possamos refletir sobre os vários assuntos por ele tratado e sugestões de leituras referentes a temática da variação linguística.

Levando em conta as transformações ocorridas nas últimas duas décadas no que se refere à educação no Brasil, percebe-se que uma ampla discussão a respeito das variações linguísticas tem sido travada em todos os níveis sociais. As obras de Bagno referentes à temática, e citadas na referência, marcam um novo olhar sobre esta diversidade linguística e especificamente a obra “*Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*” engloba este olhar de modo claro e com linguagem acessível. Pelos argumentos apresentados e pelas relações sociais esboçadas, considero esta uma das obras mais importantes e marcantes sobre a “pedagogia da variação linguística”. Cada página nos mostra coerentemente a real situação dos aspectos

sociolinguísticos da população brasileira, expõe o caminho percorrido por cada variante, aponta mudanças que virão e nos convida a participarmos ativamente dela.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Irandé Costa. No meio do caminho tinha um equívoco: gramática tudo ou nada. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001a.

_____. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001b.

_____. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. *Revista Veredas*, v. 5, n. 2, 2001c. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap063.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. *Preconceito linguístico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BORTONE, Márcia Elizabeth; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Modos de falar, modos de escrever. Fascículo 7. In: *Pró-letramento: Alfabetização e linguagem*. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*. Santa Cruz do Sul v. 32 n 53, p. 1 – 25, dez, 2007.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

MATTOS, Rosa Virginia. “*O português são dois*”: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2001.

Recebido em 04/05/2016.
Aprovado em 10/06/2016.